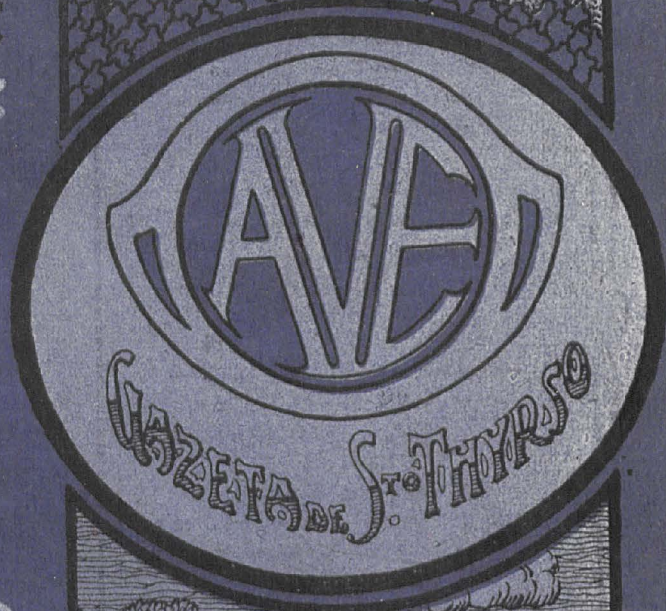




■ ■ DIRECTOR ■ ■  
 ● JOSÉ COELHO D'ANDRADE ●  
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
 ■ TYPOGRAPHIA MINERVA ■  
 ◆ ◆ FAMILICÃO ◆ ◆  
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
 RUA DE SOUZA TREPÁ, 30-40 ■  
 ● SANTO THYRSO ●



Funes



● 1.ª SÉRIE ● ●  
 ■ ■ N.º 1 ■ ■ ■ ■  
 ● ● JUNHO ● ●  
 ■ ■ DE ■ ■ ■ ■  
 ● ● 1912 ● ●



**SUMMARIO:**

*Progressos e Paes*, JOSÉ COELHO D'ABRADE  
*Santo Thyrsso de Ribã d' Ave*, ANTONIO PIRES DE LIMA  
*Influências estrangeiras em Lãa de Queiroz*,  
JOÃO MEYRA  
*Alvarellhas*, ABRABE DE SOUZA MAIA  
*Conde de S. Bento*, J. C. B. A.  
*Contribuições*, A. F.  
*Theses*, \*\*\*  
*Cantação do Ave*, AMÉRICO MIRANDA e LUIZ COELHO  
*Teus netos*, ROBERTO MACEDO  
*Santo Thyrsso ha trinta annos*,  
DO JORNAL DE SANTO THYRSO.  
*Varia*, \*\*\*  
*Gravador*, MARQUES D'ABREU

**CONDIÇÕES:**

A gazeta "O AVE" sahirã  
— com a regularidade possível —  
todes os mezes.

**PREÇO:**

Cada serie de 6 numeros,  
num total de 120 paginas, 500 réis.  
Pagamento adeantado.

**ANNUNCIOS:**

Preços convencionaes.

**CORRESPONDENCIA:**

Para qualquer assumpto ligãdo a esta redacção,  
dirigir-se ao Director.  
E o que respeita a administração  
tratar-se-ha na sêde.

RUA DE SOUZA TREPA, 30-40



© AVE

Gazeta de Santo Thyrsso

1.<sup>a</sup> SÉRIE

1912

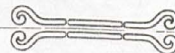


M  
J  
2671

# © AVE

## Gazeta de Santo Thyrso

(REVISTA LOCAL LITTERARIA E ARTISTICA)



Proprietario e editor,

O DIRECTOR,

José Coelho d'Andrade

1.<sup>a</sup> Série  
(120 PAGINAS)  
1912



Typographia Minerva  
FAMALICÃO

SERIE  
1.<sup>a</sup>

Proprietario e Editor

O DIRECTOR

José Coelho d'Andrade



REDACÇÃO

Rua de Souza Trepa 30-40

SANTO THYRSO

NUMERO  
1

Gazeta de S.<sup>to</sup> Thyrsso

## Progresso e Paz

Serenamente, mas com altivez e ufania, manso, mas com orgulho e independencia, corre magestoso e com graça o Ave murmurante e crystallino, atravez d'este pedaço de verdejante Minho, o mais encantador e delicioso jardim de Portugal.

E com o seu ar garboso e gentil, ridente e donairoso, se apresenta simultaneamente simples e envaidecida esta margem que o Ave procura e aformoseia, reflectindo nas suas aguas limpidas e transparentes, quadros duma excepcional opulencia, cheios de verdura e duma luz exuberante, com que a natureza tão prodiga e generosa a dotou e enriqueceu.

Mimoseou-nos tão nobremente e com magnanimidade, como a nossa phantasia mais arrogante e ensobrecida sonhasse e visse, ou como o

nosso alvedrio e esforço mais temeroso e denodado conquistasse num triumpho de lucta infrene, como ouro refulgente que tão soffregamente e num intenso gozo guardamos.

E o nosso espirito frenetico e sonhador, que observa o passado donde nascem as illações mais salutareas, surge imperturbavelmente, e como o architecto que executa a sua planta, como o pintor que exhibe a sua tela, estuda com enthusiasmo e patriotismo, haurindo nas fontes da verdade integra tudo que seja de molde a cooperar no nosso desenvolvimento moral e social, caminhando na esteira da civilisação com o olhar fixo e absorvente na luz do progresso.

A imaginação não pára, como o trabalho não se desfaz e o estudo

se não aniquila visando perduravelmente, numa ancia de perfectibilidade, o fulgor da justiça e o brilho da sciencia, para o bem-estar da sociedade.

Assim, esta desprezenciosa «Gazeta» que nasce para preencher uma lacuna importante e sensível, apreciará serenamente os factos, sem paixões ou facciosismos, mas com altivez e independência, percorrendo a historia regional no que ella tenha de mais illustre e de mais nobre, fazendo investigações que nos elucidem, colhendo elementos dispersos que os nossos antepassados deixaram ao abandono, estudando os meios do nosso aperfeiçoamento e desenvolvimento social, e contribuindo energicamente para nos engrandecer e enriquecer, expurgando da sociedade toda a podridão que a insufficiencia moral fermenta, ou enaltecendo o bem que se manifeste em prol da civilização.

O homem moderno, que herda o trabalho ingente de tantas gerações, seleccionando com o mais alto espirito de imparcialidade e de reflexão as reivindicações sociaes, entra no dominio da sciencia, impondo-a ao seu espirito, como observa pela historia os legados da humanidade, que numa lucta incessante pela existencia nos ensina um ideal de justiça e nos presta a noção do direito.

E a arte, interpretando os phenomenos naturaes com todo o seu poder de emoção, mira como a scien-

cia o mesmo objectivo, tocando as suas esferas no mesmo reconhecimento da verdade, a mais bella inspiração humana e a mais soberana faculdade dos povos civilisados.

Como a arte a poesia, contemplando a natureza, brota em raptos encendidos de inspiração, os mais suaves cantos da verdade completa.

O poeta como o artista, explanando os vãos da sua imaginação, e possuindo a sensibilidade que caracteriza o genio, traduz com toda a nitidez, e reveste com um colorido de felicidade, com alma e sentimento, a vida e a realidade.

Em toda a sua plenitude, colhendo o fructo da sciencia como da historia e litteratura, da arte como da poesia, num estudo critico, politico, social e philosophico, o «Ave» procurará na sciencia moderna, com um espirito novo e luctador, num esforço tendente a novos ideaes de progresso e civilização, emancipar-se veementemente da sua personalidade para penetrar com tenacidade e proficuidade em todos os problemas sociaes, numa alliança sincera com as suas convicções e consciencia.

E no intuito sincero de bem cooperar na sua obra de reivindicação, a «Gazeta de Santo Thyrs» dispõe das suas paginas para todos aquelles que pretendam intentar o mesmo fim civilizador, servindo d'esta fórma o medico que discuta as nossas questões sociaes, como o advogado que reclame a promulgação

de disposições que nos beneficiem, assim como o industrial, o commerciante, ou qualquer trabalhador digno que em beneficio da sua profissão e collectividade, queira trabalhar para um bem commum.

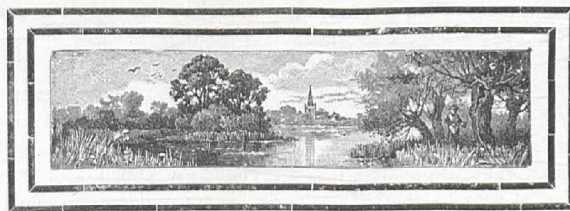
A nossa aspiração decidida e inabalavel é desfraldar o estandarte do progresso, oppondo á indolencia e á inacção a força dum espirito ardente e cheio de fé, em constante revolta, para que dahi nasça a luz e resalte a verdade com todo o seu brilho e esplendor.

Alexandre, o grande, fascinava o povo da Grecia antiga, que abriu o cyclo das civilizações europeias, com a sua fé e com a sua imaginação poderosa, para a conquista de aventuras, inculcando-lhe a ideia da felicidade, da paz e da justiça.

E' o ideal da humanidade em todas as épocas da historia da civilização, é a synthese de todo o trabalho do homem, é o producto da mais nitida comprehensão intellectual, é o principio que orienta a mais seductora philosophia.

Nesta época de dôr e de desalento em que todos os bons portuguezes ambicionam uma aura de felicidade, é necessario congregar todas as forças e procurar que a voz da razão se erga para que nova era de paz, de justiça e de progresso, surja rapida, robustecendo-nos desta athrepsia politica, que parece ter invadido a sociedade portugueza.

*José Coelho d'Andrade.*



## Santo Thyrso de Riba d' Ave

I

Com este titulo publicou o snr. Alberto Pimentel, em 1902, um volume de 352 paginas. Terá esta obra de ser consultada por todos quantos se interessam por esta villa, que por muitos é reputada como a mais formosa de Portugal, e por este concelho, todo povoado de trechos de uma grande belleza e não menos repleto de preciosissimas tradições.

Merecia esta terra a homenagem que lhe prestou o illustre escriptor; e a revista que hoje inicia a sua publicação é como que uma continuação d'essa homenagem, devendo por isso ser carinhosamente archivada como uma collecção de subsidios para o estudo do nosso concelho.

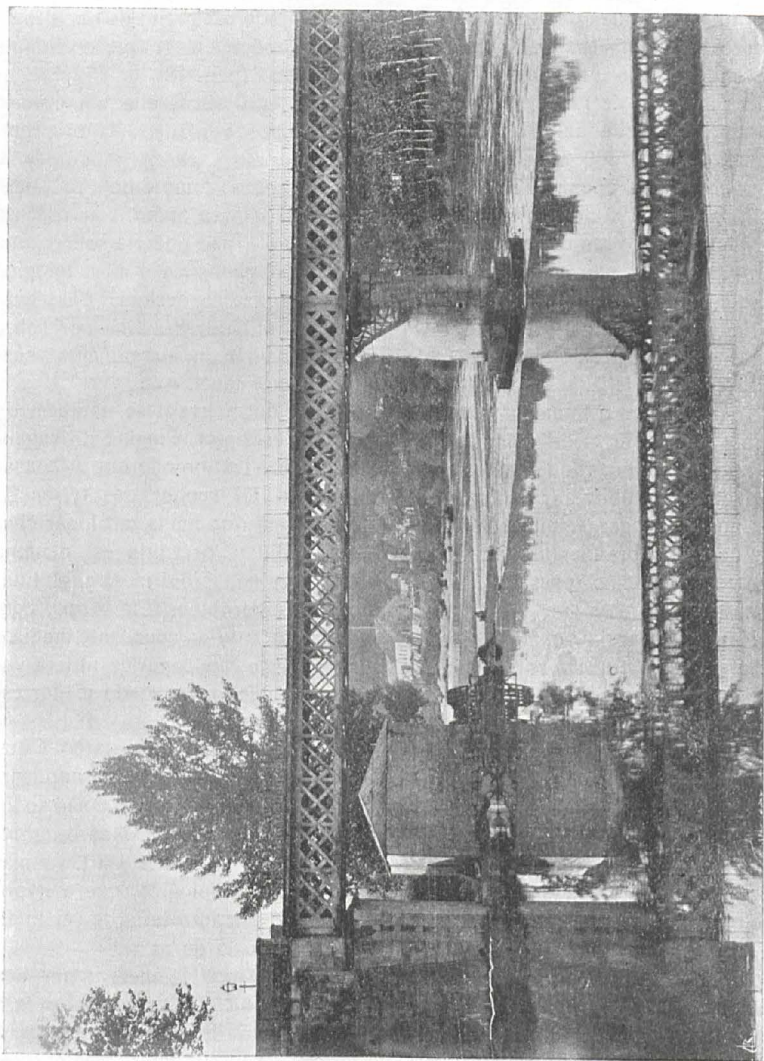
A região onde nascemos é uma segunda patria, em favor da qual especializamos a afeição que consagramos á terra-mãe commum. E em Santo Thyrso, talvez mais que em qualquer outra terra, se encontra bem fundamente radicado nos corações este segundo sentimento patriótico.

Procuraremos nós tambem, com o nosso modesto esforço, contribuir para a accumulção de materiaes com que mais tarde se ha de escrever a historia de Santo Thyrso.

Começaremos por um ligeiro estudo critico da monographia a que acima nos referimos; e desde já fri-saremos que o nosso intento não envolve por forma alguma o mais ligeiro desprimôr para o auctor da obra, que é por muitos titulos meritoria, mas visa apenas a esboçar alguns reparos, afim de que se estabeleça aquillo que, segundo o nosso criterio, é a expressão da verdade, não se deixando passar em julgado o que pareça inexacto.

Sem nos preocuparmos com a ordem das materias, iremos tocando algumas que nos pareçam mais dignas de nota; e n'isto seguiremos a orientação da obra, que não é um modelo de distribuição methodica dos assumptos.

O snr. Pimentel não reviu com excessivo escrupulo o seu trabalho, pois n'elle encontramos alguns pequenos lapsos, como o de dizer que o conde de S. Bento foi *arrematante* em hasta publica do mosteiro de Santo Thyrso (pag. 81), erro que no mesmo livro se desfaz (nota das pag. 84 e 85), o de referir que, quando de noite sae o Viatico, se entoa ao chegar á porta do enfermo a «*Gloria in excelsis*», (pag. 220), o de af-



PONTE SOBRE O AVE EM SANTO THYRSO

(Clicar de Alberto Ribeiro)

firmar que «no Minho os cavallos são raros» e que «o burro floresce sem competidor» (pag. 252), transcrevendo depois uma estatística, relativa ao anno de 1901, por onde se vê que, naquelle anno, havia em Santo Thyrso 360 exemplares de raça cavallar e apenas 170 de raça asinina (pag. 295), etc.

Mas tudo isto são coisas minimas, com as quaes não valerá a pena perder-se muito tempo.

Em algumas tentativas de explicações etymologicas o snr. Pimentel não foi muito feliz.

Todos sabem a immensa e quasi sempre insuperavel difficuldade que se nos depara quando tentamos com seriedade descobrir a etymologia de um nome de logar. A immensa maioria do que sobre taes assumptos se tem escripto não passa de pura phantasia.

Não teem, assim, o menor valôr as etymologias, que o snr. Pimentel cita, sem aliás perfilhar nenhuma, de *Monte Cordova*, o que com algum desenvolvimento tentaremos demonstrar mais tarde, como tambem procuraremos demonstrar a sem razão com que s. ex.<sup>a</sup> ataca a graphia corrente do nome da villa.

E' mais desarrasoada ainda a etymologia que propõe para a palavra *Cidnay*, que designava o logar principal da antiga *rua* que foi o embrião da villa.

Lembra que *Sidna*, em arabe, quer dizer *senhor nosso* e aventa que «talvez a coberto d'uma *paragoge* possa

ter vindo d'ahi *cydnai* ou *cidenai*, exprimindo um preito de obediencia dos moradores do burgo ao infante Alboazar» (pag. 18).

Mas isto obedece a um criterio philologico verdadeiramente primitivo, porque a *paragoge*, de per si, nada explica, como é hoje rudimentar, e a palavra *Sidna*, com assento tonico no *i*, não poderia soffrer uma alteração phonetica e morphologica que lhe fizesse deslocar o assento para a ultima syllaba e por sobre isso produzir um alargamento vocálico inexplicavel.

Mas outra hypotese, tambem do mesmo escriptor, é mais extravagante ainda. Lembrando que Alboazar Ramires foi senhor das terras da Maya, em que havia um logar chamado *Ciday*, pergunta «se o nome do burgo não proviria da agglutinação dos vocabulos *Cid Maya*, com abrandamento da consoante media e suppressão (apocope) da ultima vogal por effeito da lei do menor esforço», (pag. 18).

Se assim fosse o que parece é que o nome de *Cidnay* deveria applicar-se ao tal logar da Maya, e não ao logar de Santo Thyrso. Mas o *abrandamento* do *m* em *n* é um tão rematado erro philologico, que a hypotese, só por isso teria de ser inteiramente posta de parte.

Discutiremos tambem n'um dos proximos numeros d'esta *Gazeta* a opinião do sr. Pimentel sobre a origem da villa e sobre a importancia que se deva attribuir aos frades,

o que me parece rigorosamente tratado na obra de que nos occupamos; e diremos tambem alguma coisa sobre a lenda de Alboazar Ramires e do rapto de sua mãe pelo rei Ramiro II, de Leão, a qual lenda não é referida, a nosso ver, com perfeita exactidão.

E ficaremos por aqui, delineando apenas um vago programma do que nos propomos tratar.

ANTONIO A. PIRES DE LIMA.

### Influências estrangeiras em Eça de Queiroz

As influências estrangeiras que actuaram em Eça de Queiroz na sua fase literária inicial foram assinaladas pelo snr. Jaime Batalha Reis na «Introdução» das *Prosas barbaras*. Mas ninguem produziu depoimento análogo sobre a obra posterior do romancista.

Só ao próprio Eça de Queiroz era dado organizar a resenha completa das obras lidas para a realização dos seus trabalhos. Mas o estudo atento dos seus livros permite ainda hoje descobrir e demonstrar alguns dos autores que mais fortemente o impressionaram.

Para isso ponho em confronto períodos de Eça de Queiroz com períodos de alguns escriptores francezes.

Tal confronto necessita de ser cautelosamente feito. Assim, quem á vista destas passagens:

Tinham dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luiz Figuier que estivera folheando...

*E. de Queiroz—O Primo Bazilio*, p. 5.

Comme six heures sonnaient au coucou de la salle à manger, Chanteau perdit tout espoir.

*E. Zola—La Joie de vivre*, p. 1.

(que são o começo de dois romances), imaginar no escriptor português uma reminiscência, mesmo ténue, de Emile Zola engana-se, porque *La joie de vivre*, publicou-se annos depois do *Primo Bazilio*.

Perante a identidade de certas frases pôde occorrer a accusação de plagiato. Semelhante accusação, uma das que a critica prontamente

arremessa contra os escritôres acima da mediocridade geral, foi lançada mais de uma vez a Eça de Queiroz.

Segundo o publicista Bruno (*A geração nova*, p. 174) ao aparecer *O mandarim* houve quem recordasse uma narrativa de Auguste Vitu, portadora de igual título, e quem afirmasse que o romancista copiara nas *Tribulations d'un chinois en Chine*, de Jules Verne, a descrição de Pequim. O mesmo Bruno diz que o brasileiro Machado de Assis encontrou no *Primo Bazilio* a variante da *Eugenie Grandet*, acrescentando não saber onde o literato de além-mar fez semelhante descoberta. Posso dizer-lho. Foi num diálogo do próprio *Primo Bazilio*.

—Tu sabes que elle foi namoro de Luiza? .. Sim. Ninguem o sabe. Nem Jorge. Eu soube-o ha pouco, ha mezes. Foi. Estiveram para casar. Depois o pai falliu, elle foi para o Brazil, e de lá escreveu a romper o casamento...

—Mas isso é enredo da *Eugenia Grandet*, Sebastião! Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugenia Grandet*.

E. de Queiroz—*O primo Bazilio*, p. 174.

A verdade é que a afirmativa, não parece menos disparatada por se lhe conhecer a origem.

No dizer do tradutor espanhol da *Reliquia* os inimigos de Eça de Queiroz «afirmaban que la novela estaba calcada en las *Memorias de Judas*, de Pietro dela Gatina».

Em nota ás ultimas edições do *Crime do padre Amaro*, anda a resposta que o autôr entendeu dar aos que declararam este romance um traslado de *La faute de l'abbé Mouret*.

Se Eça de Queiroz julgou oportuno responder a esta última acuação pareceu-lhe não valer a pena aludir ás outras; e pareceu-lhe bem.

O plágio é o roubo desleal e condenável que Eça nunca praticou. O que elle fazia era imitar, transportar para o seu estilo as imagens, as ideias ou as expressões de um outro estilo, apresentando de um modo inédito as coisas já ditas, ou applicando frases feitas a situações inteiramente novas.

\*

O nome, o perfil aviesco e ridículo do egiptólogo Topsisius, doutor de Bonn e membro do *Instituto imperial de escavações históricas*, tudo recorda o egiptólogo Rumphius do *Roman de la momie*. Só-

mente o retrato condensado por Eça de Queiroz em quatro traços incisivos é notavelmente superior á accumulãode pormenores em que Théophile Gautier empasta a figura do seu romance:

Encovado na gola, de guedelha caída, o nariz agudo e pensativo, a calça esguia, o meu erudito amigo parecia-me uma cegonha risivel e cheia de letras, com oculos d'ouro na ponta do bico.

E. de Queiroz—*A reliquia*, p. 100.

Quelques cheveux roussâtres, melangés de fils gris, se massaient derrière ses oreilles écartées et se rebellaient contre le collet beaucoup trop haut de son habit; son crâne entièrement dénudé, brillait comme un os et surplombait un nez d'une prodigieuse longueur, spongieux et bulbeux du bout, configuration qui, jointe aux disques bleuâtres formés par les lunettes à la place des yeux, lui donnaient une vague apparence d'ibis, encore augmentée par l'enfoncement des épaules.

Th. Gautier—*Le roman de la momie*, p. 6

E' curiosa tambem a analogia entre a personalidade do Pacheco na *Correspondencia de Fradique Mendes* e a figura de Arthur Ranc, tal como Zola a esboça nas primeiras páginas de *Une campagne*:

Je m' imagine M. Ranc à soixante ans, et même à soixante-dix ans, si l'on veut. Il a blanchi, ses dents tombent et ses jambes fléchissent. Mais il donne toujours d'étonnantes promesses de supériorité. Quand on le rencontre, muet, gardant avec amour de mystère de sa nullité, il y a toujours là quelque bon républicain jobard pour nous dire:

—C'est Ranc. Un garçon qui sera très fort!

E. Zola—*Une campagne*, p. 9.

Este e outros períodos de Zola no mesmo artigo por certo acordaram em Eça de Queiroz a ideia do político impenetravel, valorizando-se pela mudez, firmando no silêncio o renome do seu *imenso talento*, e tanto mais crescido em honrarias e consideração pública quanto mais calado e pensabundo.

A observação correntia de que os bêbados no estado de excitação repelem a ideia de embriaguez é expressa em Eça de Queiroz por maneira semelhante á de Zola. João da Ega gritando ter bebido agua-raz equivale ao Foucarmont proclamando a ingestão de vitríolo com pimenta:



Bebado! Elle? Ora essa!... Era cousa que não podia, era empeitar-se. Tinha feito o possível, bebido tudo, até agua-raz. Nunca! Não podia ..

E. de Queiroz—*Os Maias*, vol. I, p. 371.

Moi, disait Foucarmont, j'ai bu de tous les vins imaginables dans les cinq parties du monde... Oh! des liquides extraordinaires, des alcools à vous tuer un homme raide... Eh bien! ça ne m'a jamais rien fait. Je ne peux pas me griser. J'ai essayé, je ne peux pas.. Sur les côtes de Coromandel des sauvages nous ont donné je ne sais quel mélange de poivre et de vitriol; ça ne m'a rien fait... Je ne peux pas me griser.

E. Zola—*Nana*, p. 118—20.

No final do *Mandarim* encontra-se um éco das *Fleurs du mal*, cuja influencia em Eça de Queiroz elle próprio assinalou na «espécie de autobiographia mental» que é o prefácio da *Correspondencia de Fradique Mendes*:

...ó leitor, creatura improvisada por Deus, obra má de má argilla, meu semelhante e meu irmão!

E. de Queiroz—*O mandarim*, p. 183.

Hypocrite lecteur, mon semblable, mon frère!

Ch. Baudelaire—*Les fleurs du mal*, p. 81.

Quando Eça de Queiroz fez a viagem da Terra Santa a *Vie de Jesus* de Ernest Renan era uma das suas leituras favoritas. Serviu-lhe então para elaborar *A morte de Jesus*, folhetim incompleto recolhido nas *Prosas barbaras*. Pol-a mais tarde em larga contribuição para escrever o «sonho» da *Reliquia*.

...estas collinas, que eu vira dias antes, em torno á Cidade Santa, dessecadas por um vento d'abstracção, e brancas, da côr das ossadas..

E. de Queiroz—*A reliquia*, p. 197.

O Rabbi queria entrar com a alma clara na morte porque chamára! ..

E. de Queiroz—*A reliquia*, p. 301.

(Continúa).

...la triste Judée, desséchée comme par un vent brûlant d'abstraction et de mort.

E. Renan—*La vie de Jesus*, p. 28.

Il préfère quitter la vie dans la parfaite clarté de son esprit, et attendre avec une pleine conscience la mort qu'il avait voulue et appelée.

E. Renan—*La vie de Jesus*, 419.

JOÃO DE MEYRA.



### DIALOGO

(Anglo poente-su)

—Ora a Camara! —Que tem?  
—O que tem? O' grande gêbo,  
Pergunta-me o que não tem.  
—O que não tem? não percebo.

— Então ella vai-nos dar  
Paço novo, agua a faltar,  
Linda luz, como a do soll...

— Ah! não, Cabeça de reb?!  
Então cheia-te aqui bem?  
— Bem? Que horror! Mas...  
— Ora, cebo!  
Já vês que não tem vintem.

— Vejam que lindo terceto!  
E não ha para chloreto  
Neste maldito curinjo!...

...



## Minha terra



*Minha terra... Olha a graça que ela encerra:  
dizem que não tem par, e a não ter,  
a modos que é sagrada a minha terra,  
a minha terra que me viu nascer...*

*Foje-lhe o rio ao lado... e a gemer  
na caláda da noite, ele descerra,  
toádas d'encantar a minha terra  
como se ele a quizesse adormecer.*

*E os sinos finos a tocar na torre  
têm fâlas de saudade p'ra quem morre,  
se nasce alguém, começam a cantar.*

*... E a minha terra atinge o seu encanto  
quando a noite desdobra o negro manto  
e ascende o Sacramento do Luar...*

LUIS COELHO.

Santo Tirso, 1912.



## ALVARELHOS

E' d'um grande interesse o plano que os ilustres fundadores d'O Ave traçaram, no louvavel intuito de pôr em fóco as belezas do concelho de Santo Tirço, aspirando mesmo, quando seja possível, a descobrir as origens das povoações que fazem parte deste municipio. A genese de qualquer povo tem sempre, não só para os naturaes, mas em geral para o observador curioso, um encanto singular, que sómente não aprecia quem fôr extranho ao progredimento da humanidade, quem seja refratario á poesia do passado.

O progresso autentico precisa de firmar-se nas instituições que lhe servem de alicerce e por isso tem, para evitar derrocadas, de verificar previamente a solidez das bases, muitas vezes seculares, em que assenta.

O estudo dos tempos idos tem mais utilidade do que geralmente se julga: um povo que desconhece a sua linha ancestral está longe do ideal de perfectibilidade a que aspiram as sociedades modernas. Devemos fitar com esperança o futuro, mas não devemos quebrar a cadeia de oiro que nos liga ao passado;

— a propria Natureza castiga severamente aquelles que pretendem obrigar-a a dar saltos macabros.

Esse estudo da antiguidade—principalmente da nossa terra—teve sempre, para quem subscreve estas linhas, atractivos taes, que, já agora, não desiste de continuar na investigação do viver dos povos que nos precederam; e por isso foi com agrado que aceitou o convite amavel e imerecido para colaborar na publicação que vae dar novo brilho ao concelho que lhe foi berço, sendo-lhe em especial agradável ter que dizer alguma coisa acerca da freguezia de Alvarelhos, onde viveram muitos dos seus maiores, terra que, por sinal, é rica de um passado longinquo, como se verá, de relance, no apanhado das obras dos mestres que, modestamente, vae apresentar em seguida.



O viajante que se dirija do Porto pela estrada que liga esta cidade com a de Braga, tendo passado na Carriça, se volver os olhos para noroeste, descobrirá uma clareira, li-

mitada no extremo horizonte, ao longe, pelos montes de Bagunte: é o vale de Alvarelhos que, entalado entre as modestas serras de Santa Eufemia e de Ciday, vae terminar, em ponta aguda, junto ao Ave, no sítio em que este formoso rio quasi toca na estrada que da estação da Trofa segue para Vila do Conde.

Neste vale ficam situadas tres freguezias:— a do Muro, que o viajante vae atravessando, — a de Alvarelhos, no centro da região a que dá o nome e a de Guidões, lá no fundo.

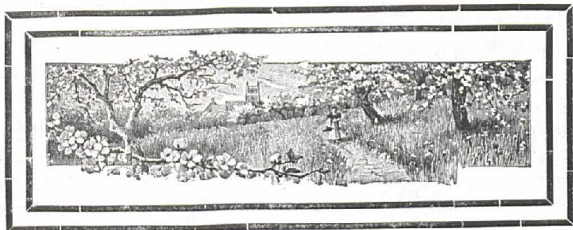
Alvarelhos, como se vê, ocupa a parte central desse fertilissimo tracto de terreno que, desde remotas eras, foi preferido pelo homem peninsular primitivo, óra entregue á vida nomada, óra sedentaria, mas sempre agitada; assim o demonstram os vestígios que por aqui deixou dispersos e os monumentos de que ainda restam ruínas valiosas, inexploradas em grande parte. Os trabalhos de investigação ainda cer-

tamente estão muito longe do seu termo; mas já podêmos aproveitar vantajosamente o que está feito, pois dá luz que baste para nos guiar na reconstituição da vida popular atravez das varias épocas da sua existencia. Veremos então que poucas terras haverá com melhores pergaminhos de nobreza, porque, desde os tempos prehistoricos até hoje, tem a *terra* de Alvarelhos mantido a sua preponderancia relativa, modificada todavia pelas vicissitudes por que tem passado no decorrer dos seculos.

Os monumentos, como marcos miliarios, nos indicarão as varias étapes dos povos que evoluçionaram por estes sítios, as quaes iremos percorrendo, apreciando mentalmente o seu viver, costumes, lutas, progressos, tudo, nos periodos *neolithico*, *protohistorico*, na *Idade media* e tempos modernos.

(Segue).

AB.<sup>E</sup> SOUSA MAIA.



O nobre titular que honra hoje esta galeria, é o primeiro vulto thyrseense que nos deixou uma saudade perene e cujo nome aureolado resplandece como alma rara ou como sol brilhante. A memoria do Conde de S. Bento é perduravel, e todos os dias nós a lembramos porque o seu diamantino coração, o seu espirito generoso, exerceram actos de altruismo como neste mundo não é possivel exceder.

Trabalhador incansavel, passou grande parte da sua vida no Brazil, onde numa lucta intensa viveu, para angariar a fortuna colossal com que nos veio beneficiar. Não foi num dia curto que pôde con-

seguir o seu triumpho, mas numa vida accidentada, onde correu os maiores perigos, numa vida de labores onde sofreu as maiores privações; foi á custa dum esforço aturado e persistente, foi á custa da sua intelligencia e perspicacia, e com um trabalho de ferro aliado á maxima economia que logrou colher bons fructos, vendo os seus negocios, no Pará, prosperar imensamente, e vencendo a adversidade e as extrordinarias dificuldades que dia a dia lhe surgiam.

O trabalho tudo vence, e mui principalmente quando é bem orientado e quando a nossa vontade é teimosa

e insistente, não afrouxando aos primeiros passos, ou quando as primeiras trevas nos escurecem o caminho.

O Conde de S. Bento soube lutar, entrando com afinco na lucta pela vida, sem que um esmorecimento lhe perpassasse pelo espirito.

De tempera rija, e valente, foi indifferente ás privações e ás asperezas que lhe entrecortavam a marcha, expondo-se como heroe que, alucinado pelo entusiasmo da guerra, não ouve o zunido das balas, ou o grito dos feridos, e numa ancia, num desespero de lucta se torna impassível e alheio de si proprio, com uma unica ideia firme, inabalavel, invencivel—a da victoria.

Bom portuguez, onde todas as qualidades de combatente, e de coração, se revelam com primor, como astro bem illuminante irradiando ao longe a força e a virtude.

—O Conde de S. Bento, de nascimento humilde, era filho duns modestos lavradores de S. Miguel das Aves.

Mas, destinado a fins de beneficencia e de altruismo, teve de correr mundo e deixar a patria e a familia, numa saudade que a sua grande alma deixa transparecer, e passar pelas duras sujeições que a sua historia conta, para conseguir tão famosa fortuna. Embarcou para o Brazil em 1818, sofrendo nessa viagem grandes revezes que o obrigaram a regressar á Patria.

Não desanimou do seu intento e embarcou novamente no anno seguinte.

Ainda esta viagem foi assignalada por um naufragio na costa brasileira, salvando-se em escaleres. E tendo sido arremessado com os seus companheiros ao interior duma ilha, conseguiu sobreviver, por um bafejo da sorte com que o pobre Manoel José Ribeiro, futuro Conde de S. Bento, era guiado.

Chegado ao Brazil, encontrou enormes difficuldades, agravadas pela situação politica, e pelos acontecimentos de 1822

que o obrigaram a pegar em armas ao lado da policia e da Guarda Nacional.

O seu principio de vida foi repassado dos mais graves incidentes, quer pelas luctas que convulsionavam o Pará, e que o attingiram, quer pelas economias perdidas, e que com um trabalho ingente tinha accumulado. Mas nada pôde desanimal-o, porque o futuro Conde de S. Bento, com tal espirito de abnegação, e emprehendedor, trocava a vida pelo seu ideal, e na sua faina, e no seu trabalho, não admittia impossiveis que podessem snstelo ou desviar-o da sua trajectoria.

Marchou sempre, e nessa esperanza de encontrar a estrella que o guindasse ás suas aspirações, corria veloz numa direcção certa.

Finalmente, depois duma insistencia atroz e duma tenacidade a toda a prova, encontrou fagueira a luz rutilante da sorte que o distinguio, premiando-lhe o trabalho poderoso de quarenta e seis annos.

Manoel José Ribeiro enriquece, e em 1866 vem para a Europa, fazendo algumas viagens, onde teve occasião já de patentear o seu alto e generoso espirito que lhe mereceu as mais inequivocas provas de estima.

Fez muitas viagens ao seu paiz, até que em 1874 deixou a terra que o fez grande, vindo definitivamente para Portugal.

Abandonando então a sua casa commercial, e transferindo os seus haveres, fixou em 22 de fevereiro de 1882 residencia nesta villa, tendo adquirido previamente a Quinta do Mosteiro.

—Começa agora para Santo Thyrsos o seu papel mais importante, quando o nobre Conde de S. Bento dissipou parte da sua avultada fortuna praticando actos de caridade e de philantropia, em tão larga escala, que o celebrisaram, e lhe perpetuaram a memoria. E' longa a collecção de benesses que nobremen-

te distribuia, e que nos deram o nome e nos levantaram, fazendo progredir esta linda villa, que lhe deve todos os luxos e toda a riqueza, porque o Conde de S. Bento a dotou com o preciso para a sua transformação completa.

Foi D. Luiz que o incluiu na lista dos fidalgos, o que pela sua grandeza d'alma e pelo seu trabalho, bem mereceu, salientando-lhe os predicados e as bellas qualidades que ornavam este magnanimo coração.

O conde de S. Bento não recusava um pedido, porque o seu temperamento, propenso ao bem, ditava-lhe constante o incentivo de acções nobres que elle semeava prodigamente.

Não houve instituição em Santo Thyrsos que não recorresse á sua bondade, como não houve desgraçado que não experimentasse um allivio á sua dôr e ao seu mal, á sombra do benemerito conde de S. Bento que a todos sem distincção estendia o manto de caridade, cobrindo o humilde e o pobre, protegendo-o na desventura, diffundindo a instrucção, ou tratando dos doentes.

A 3 de janeiro de 1886, o conde de S. Bento, num impeto de invulgar altruismo, dota esta villa com um edificio das escolas, que é magestoso e soberbo, reunindo todas as condições que uma boa hygiene aconselha, e todos os predicados que o seu destino requisitava, nada poupando para que a Escola podesse desempenhar com brilho e intensamente o seu fim educativo.

Ella ahí está a atestar a nobreza de sentimentos do Conde, e dos seus fructos todos nós o diremos, porque nesta data poucos thyrsenses haverá que ali não tenham bebido os primeiros tragos do ensino.

A 28 de agosto de 1891 é inaugurado, nesta vila, o edificio do hospital, a mais bela instituição que o homem pôde crear, e que fatalmente havia de entrar no programa do illustre Conde de S. Bento.

O desgraçado e doente, que sucumbia no meio horrivel da dôr e da miseria, não apparece já a escurecer o quadro da desgraça, que tão vulgarmente se pinta. Foi esse homem, que pranteamos sempre, que lhe estendeu a mão da misericordia, enxugando-lhe lagrimas, apaziguando-lhe o sofrimento, e prolongando-lhes a vida. E' um bem duro doiro que jámais se extinguirá, porque todos os dias, como o sol que illumina, resplandece aquelle monumento que espalha em jorros a caridade.

—A obra do Conde de S. Bento, é uma fonte inexgotavel, e a sua biografia completa ha de sahir pouco a pouco nesta Gazeta, porque não é de molde a caber num pequeno numero.

O Conde de S. Bento espalhou a sua excepcional fortuna, em todas as obras de bem, preferindo a sua terra, mas sem deixar um só momento de socorrer o infeliz, fosse da mais afastada povoação, ou do bairro mais ignoto, olhando a desgraça pelo verdadeiro prisma, de fazer bem sempre por amor á virtude, faculdade nobre que lhe corôa a existencia e perpetua a memoria.

Não ha templo do Minho—pôde quasi dizer-se—que elle não melhorasse, reedificando uns, dotando outros, e levantando alguns.

O Conde de S. Bento ainda ahí não limitou a sua acção.

Deu impulso á fabrica de Santo Thyrsos, contribuindo directamente para o nosso desenvolvimento fabril, e indirectamente favoreceu o povo, proporcionando-lhe uma casa de trabalho, evitando assim que as necessidades de muitas familias se possam resentir dos seus meios exiguos.

Ofereceu á Camara terrenos para abertura de ruas e para praças, promoveu festas brillantissimas que echoaram pelo seu deslumbramento em todo o país; sob a sua protecção organisou-se uma

distincta banda de musica que conseguiu rivalisar com as melhores bandas regimentaes; e mandou edificar a casa do Club Thyrsense. Não terminaria a serie das suas obras, se tivéssemos a pretensão de as querer enumerar.



— O Conde de S. Bento tambem teve momentos de justissima recompensa, tendo-lhe sido oferecido por muitas instituições pias e humanitarias medalhas e diplomas de honra e de distincção.

E os thyrsenses não esqueceram o seu dever, obtendo, por subscrição publica, uma estátua, que num dia de festa, em 28 de agosto de 1893, numa apotheseo sincera, ardente e cheia de entusiasmo inauguraram, ainda em vida e na presença do nobilissimo Conde de S. Ben-

to. Data memoravel, que, se significa um acto de justiça aos sentimentos de tão insigne fidalgo, recorda tambem a satisfação do cumprimento dum dever, em momento tão oportuno.

Depois desta festa simpatica e delirante, em que os thyrsenses dera u provas exuberantes do seu indelevel reconhecimento e da sua mais viva gratidão, o illustre titular vê dia a dia definharse-lhe a vida, como os seus conterraneos sentiam na alma a falta dum clarão resplendente que se lhes apagava.

O Conde de S. Bento desaparece em 26 de março de 1893, deixando um testamento ainda cheio de legados pios, que honram mais, se é possivel, a sua memoria. Não houve pobre que não chorasse o morto querido, não houve rico que não sentisse bater-lhe a saudade no coração, não houve thyrsense que não tivesse uma palavra de consternação e de pesar.

Morreu o nobre conde de S. Bento, mas a sua memoria é perduravel, e os seus actos de caridade, jámais se olvidarão; são vozes da justiça que a cada momento pronunciam o seu nome, e a todos os instantes beneficiam a humanidade.

A sua obra de caridade e de philantropia, a sua obra de amor e de civilização, tornam o seu nome glorioso, e sempre vivificado no coração de todas as gerações thyrsenses.

*Tanto nomini nullum par elogium.*

*J. C. d'A.*

## CONTRIBUIÇÕES

Para a grande maioria dos thyrsenses já não resta duvida de que as contribuições foram immensamente aggravadas.

As queixas que a cada momento se ouvem aos contribuintes, denunciam, com toda a evidencia, o demasiado aggravamento que aquellas soffreram e de que não ha memoria!

Os factos patenteam-nos o seguinte:

Que a contribuição de renda de casas, para uns triplicou, e para outros—não se sabe por obra e graça de quem—duplicou, comparativamente aos annos anteriores. (O principio da repartição equitativa dos impostos soffreu um grande abalo!...)

Que a contribuição predial foi accrescida de 20% e que esta percentagem reverterá, parte para o Municipio e a outra parte para a Instrução;

Que a contribuição de registo por titulo oneroso experimentou um abalo tão grande, que... poderá redundar em cataclismo! Se é verdade que a percentagem está reduzida a 8%, tambem é incontestavel que esta taxa incide sobre

um capital que, na grande maioria dos casos, não corresponde ao rendimento legal do predio.

Esta contribuição de registo por titulo oneroso não devia affectar o valor estimativo do predio, e, á semelhança de outras nações, unicamente devia incidir sobre o seu valor real, que geralmente é determinado pelo rendimento collectavel do predio.

O augmento dos encargos do predio traz a sua depreciação, e esta ha-de dificultar e diminuir as transacções, o que, fatalmente, reduzirá a «Receita Geral» do Estado.

Que, por ultimo, no meio d'essas multiplas e diversas contribuições, surgiu ainda a contribuição de registo por titulo gratuito correcta... e tambem aggravada.

D'aqui se conclue que a propriedade, quer a rustica, quer a urbana, está sujeita a *onus* excessivos e importunos.

Infelizmente, as corporações do nosso concelho não dêram, até hoje, signal algum de existencia, não pensaram ainda no caso, e, porisso, não tomaram a iniciativa de, por qualquer meio digno e

dentro da ordem, fazer chegar aos ouvidos dos nossos governantes o descontentamento que lavra entre os contribuintes!

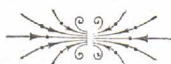
Não é preciso promover comícios para se obter qualquer *desideratum*; basta que a Comissão Municipal Administrativa, que representa o concelho também em conflictos d'esta natureza, delibere, em sessão, adherir ao movimento de protesto que se nota em varios concelhos.

A Camara, desta maneira, adoptará o exemplo de muitas corpo-

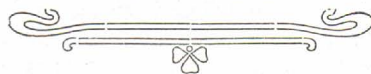
rações e aproveitará um meio de fazer lembrar aos dirigentes do paiz, as pessimas condições que cercam o povo, que, pela carestia dos generos, pela aturada invernia e ainda pela crise de trabalho, mais ou menos accentuada, vive com dificuldades.

Lembramos pois, á Camara a conveniencia de representar ao governo no sentido acima indicado e attender assim ás muitas reclamações que individualmente se veem fazendo.

A. F.



## THESES



### Do Direito da Retenção na Legislação Portuguesa

Da successão singular nas dividas

Devemos á amabilidade do seu auctor, o nosso illustre conterraneo sr. dr. Antonio de Faria Carneiro Pacheco, as duas obras citadas, que opportunamente apreciaremos, convencidos já, de que estes dois volumes, producto do seu muito trabalho e invulgar competencia, serão mais uma confirmação do ele-

vado espirito do nosso distinctissimo amigo.

### Curandeiros e curandeirismo

Com grande brilho tomou parte activa no Congresso Nacional de Deontologia e Interesses Profissionais do Porto, realisado em fevereiro do corrente anno, o nosso conterraneo e distincto alferes medico, dr. Americo Pires de Lima, destacando-se entre as suas theses, a que nos serve de epigraphie, sobre o que fallaremos no proximo numero.

### CANÇÃO DO AVE

Musica para piano

POR

Americo Miranda

LETRA DE

Luiz Coelho

Moderato

Olha o Ave como avança ...  
vae seguindo devagar,  
segue e vae devagarinho  
com vontade de parar ...  
Olha o Ave como avança  
corre, corre, para o mar ...  
leva as penas de quem vae  
para nunca mais voltar!

Pelas noites de janeiro  
quando a lua anda a boiar,  
dá-lhe em cheio a luz do luar  
pelas noites de janeiro ...  
e vae o rio a fugir  
com tanta luz espalhada  
que parece reluzir  
como o aço d'uma espada.

A canção do Ave é triste  
é triste como uma resa ...  
é a canção da saudade,  
é a canção da tristeza ...  
ai, tão triste ela parece  
que se a vamos escutar  
a tristeza da canção  
dá vontade de chorar!

Lavadeiras, lavadeiras,  
quando o rio por vós passa,  
vê-de o rio, que ao passar,  
doidamente vos abraça ...  
mas o rio tem juizo ...  
abraçando uma por uma  
continua a deslizar  
sem prender-se por nenhuma.



## Teus seios

De tanto os vêr arfar, arfar, arfar...  
— Quando os meus olhos a mirar-te quêdo —  
Os teus seios me fazem recordar  
Dois pombos novos a tremer de mêdo  
Que fugir tentam... sem poder voar.

São o altarsinho, Virgem sem pecados,  
Que tanto olhar enamorado atrae;  
Teus seios são os fructos delicados  
Que, tão sómente quando sejas mãe,  
Poderei vêr de todo sazoados.

E tão puros até, que o proprio Deus  
Os não destina a bocas venenosas.  
Elle os creou, para os filhinhos teus  
Com labiosinhos tenros como rosas,  
Com o candor dos cherubins dos Ceus.

Por isso, meu Amor, depressa, vem,  
Vem a meus braços, dá-te por vencida;  
Pois já me disse o que domina o Além  
Que havemos de viver a mesma vida  
E que teus filhos serão meus também.

Amphoras cheias de preciosos vinhos!  
Teus seios — duas ondas de desejos —  
São como dois implumes passarinhos  
Que para o cibo — meus ardentes beijos —  
Cheios de fome estendem seus biquinhos.

SANTO THYRSO.

Roberto Macedo.



**Ponte** — Acha-se quasi concluida a importante ponte sobre o rio Ave, mas falta fazer as Avenidas, que levará talvez ainda bastante tempo.

**— Acção muito louvavel** — O ex.<sup>mo</sup> visconde de S. Bento participou á junta de parochia d'esta freguezia, que lhe cedia gratuitamente uma porção de terreno da sua quinta do Mosteiro, unido á igreja, para esta ficar isolada da quinta.

**— Movimento de população** — O movimento da população d'este concelho com referencia ao anno de 1881, foi o seguinte: Fogos civis, 6:455. Habitantes, 94:303, sendo 71:029 do sexo masculino e 23:274 do feminino. Nascimentos, 826, sendo do sexo masculino, legitimos, 381, e illegitimos 33, e do feminino legitimos 361, e illegitimos 51. Obitos, 509, sendo 241 do sexo masculino, e 268 do feminino. Casamentos, 142.

**— Caminho de ferro de Guimarães** — Trabalha grande numero de trabalhadores e artistas na sua construcção, e, em vista da muita actividade do empreiteiro geral e do ex-

pediente que tomou em dividir a grande empreitada em muitas e pequenas, conta com muita probabilidade que dentro em poucos mezes será inaugurada e aberta á circulaçào a primeira secção.

**— Sociedade Dramatica Garrett** — Sob este titulo formou-se nesta villa uma sociedade dramatica de curiosos, cujos fins unicamente philantropicos tendem tambem para o desenvolvimento intelectual e social da villa.

O theatro, pequeno é verdade, mas bonito e comodo, tem sofrido reformas uteis, principalmente no palco; uma sala á franceza mandada fazer por a mesma sociedade fará um effeito esplendido; a pintura é do sr. José Maria Carneiro de Varziella, amator, d'uma amabilidade inexcedivel e dum tacto a toda a prova. O resto das obras é dirigido por um dos socios, no que compete a carpinteiro.

A' sociedade damos-lhe os parabens e ávante nêsse caminho que é bello.

Damos por fim a relação da meza: Presidente, Antonio Augusto da Cunha; vice-presidente, Joaquim de Freitas Vasconcellos; secretario interino, Manoel Alberto Flores; thesoureiro, Joaquim Antonio de Souza Azevedo; ensaiador, Francisco de Souza Trepá.

Todos estes dignos cavalheiros des-empenham completamente os seus logares; não especializamos nenhum, porque todos, conhecendo o seu character probo e honrado, confiam neles plenamente.

— **Restabelecimento** — Está quasi restabelecido o ex.<sup>mo</sup> sr. Ricardo Pe-

reira da Rocha, desta villa, dos ferimentos que soffreu com a queda que deu abaixo da ponte de pau do rio Ave, haverá dois mezes; e, porisso, damos-lhe sinceros parabens.

(Do *Jornal de Santo Thyrsó*)

(*Continúa.*)

## VARIA

### Necrologia

Falleceu a innocentina Maria d'Assumpção, filha do distincto advogado e professor, e antigo deputado por este circulo, Dr. Antonio Pires de Lima e de D. Maria Andrade Pires de Lima.

A linda creança que contava apenas 16 mezes, foi victimada por uma broncho-pneumonia, a que não pôde valer a dedicação dos paes nem os cuidados da sciencia.

O funeral foi uma manifestação imponente de sympathy pela esbelta menina, encorporando-se no cortejo umas 40 creanças que seguravam outros tantos «bouquets» e corôas, além d'um crescido numero de pessoas, as mais gradas desta villa.

### D. Maria Andrade da Fonseca e Castro

Com 77 annos de idade falleceu em 29 do mez passado esta virtuosa senhora, viuva do Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, Conselheiro Francisco Manoel da Fonseca e Castro. Apresentamos as nossas condolencias á familia enlutada.

### Commissão avaliadora dos predios para as novas matrizes

Lêmos com interesse a lista dos peritos organizada pela Camara Municipal, que com criterio procedeu á escolha de pessoas competentes. Oxalá que todos se competetrem da grande responsabilidade que lhes assiste.

### Luz electrica

Em 25 d'abril foi lançada nas notas da Camara Municipal, a escriptura de adjudicação de empreitada para a instalação electrica d'esta villa. Concorreram as casas Street e Thomson (A. E. G.) do Porto, ficando a primeira com a concessão pela quantia de réis 13:300\$000.

Faremos no proximo numero uma resenha das duas propostas.

### Theatro Brazão

A empreza desta casa de espectaculos contratou a companhia do Theatro da Avenida de Lisboa, para as duas operetas «Sonho de Valsa» e «Viuva Alegre», que sobem á scena em 1 e 2 do corrente mez.

### Consulorio Medico-Cirurgico

DE

*José Coelho d' Andrade*

Rua de Souza Tropa, 30-60

SANTO THYRSO

Consultas diarias nesta villa e 4<sup>as</sup> quintas-feiras em S. Thizão da Carreira



AYRES D'AZEVEDO

*Solicitador-encartado*

*Praça do Conde de S. Bento*

SANTO THYRSO

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

Agencia do Banco de Portugal

E DAS

*Companhias de Seguros*

SEGURANÇA E FIDELIDADE

Viuva de Antonio Ribeiro Guimarães

102, RUA DE SOUZA TROPA, 104

SANTO THYRSO

CAMISARIA

TELLES & MARQUES

*11, Praça da Liberdade, 12*

PORTO

*Filial: Rua Ferreira Borges*

COIMBRA

Queiroz Ribeiro

e Pires de Lima

ADVOGADOS

*Rua da Fabrica, 78-1*

PORTO

Justino

ALFAIATE

*Sempre as ultimas novidades em fazendas e confeções*

*Rua 31 de Janeiro, 157*

PORTO

Justino Alves

SAPATEIRO

*Todas as novidades em calçado de luxo para senhora e homens*

(NO MESMO ESTABELECIMENTO)